



## 12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

### CONHECIMENTO CIENTÍFICO ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Eloiza Muniz Capparros (apresentador)<sup>1</sup>

Bruno Cezar Betiati<sup>2</sup>

Marcílio Hubner Miranda Neto (coordenador)<sup>3</sup>

Tendo em vista o atual contexto escolar no Brasil, muitas vezes o espaço escolar mostra-se insuficiente para a aprendizagem e assimilação eficiente, principalmente no que diz respeito a disciplinas como Ciências e Biologia. Assim, o presente trabalho é resultado da experiência pela atuação de dois monitores do MUDI (Museu Dinâmico Interdisciplinar – UEM) no projeto “Muditinerante: O Museu vai à comunidade”, durante os anos de 2011 e 2012. O projeto objetiva aproximar o conhecimento científico e a comunidade, através da participação em eventos de extensão em escolas, parques e exposições. Assim, exposições temporárias são levadas a esses eventos e os monitores atuam na interação com os visitantes. Ao longo de todas as participações, foi possível notar certa dificuldade na identificação e diferenciação de partes anatômicas, bem como falta de conhecimento da localização ou funcionamento das mesmas. Assim, percebe-se que atividades como as realizadas pelo projeto “Muditinerante” vão ao encontro das expectativas tanto dos visitantes quanto dos monitores participantes, pois tal aproximação é fundamental para ambas as partes envolvidas.

**Palavras-chave:** Extensão; Educação; Evento de Extensão.

**Área temática:** Educação.

**Coordenador(a) do projeto:** Prof<sup>o</sup> Dr. Marcílio Hubner Miranda Neto; hubnermar@gmail.com; DCM – UEM.

### Introdução

A educação científica emerge de necessidades de formação de cidadãos capazes de se integrarem em atividades laborais e contribuir para desenvolvimentos requeridos na sociedade (HENRIQUES, 2002). Nesse sentido, nota-se que o espaço escolar é insuficiente para a aprendizagem e assimilação eficiente de certos conteúdos, principalmente de disciplinas como Ciências e Biologia.

Para auxiliar a atividade docente, as feiras de ciências e exposições escolares são, segundo Mancuso (2000) eventos realizados nas escolas ou na comunidade com a intenção de, durante a exposição dos trabalhos, oportunizar um diálogo com os visitantes, constituindo-se na oportunidade de discussão dos conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Bióloga, Mestranda em Biologia Comparada (PGB) - UEM

<sup>2</sup> Acadêmico em Ciências Biológicas, DBI, UEM.

O presente trabalho é resultado do relato de experiência um acadêmico de Ciências Biológicas e de uma Bióloga, da Universidade Estadual de Maringá, que atuaram como monitores no projeto “Muditinerante: O Museu vai à Comunidade”, nos anos de 2011 e 2012.

## Materiais e Métodos

A presente investigação teve caráter observatório a partir das experiências de acadêmicos de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, no projeto denominado “Muditinerante: O Museu vai à comunidade”, em que algumas exposições do museu foram levadas à escolas, parques e exposições em Maringá-PR e região. O projeto objetiva aproximar o conhecimento científico e a comunidade, através da participação em evento de extensão em escolas, parques e exposições. O público estimado, ao longo de todas as exposições, é de aproximadamente 5 mil pessoas, entre alunos e professores do ensino básico e comunidade em geral.

Cada exposição era organizada de acordo com os locais disponíveis e com o objetivo do evento. Entretanto, de maneira geral, as exposições estavam divididas em diferentes espaços, dentre os quais os monitores atuaram nos seguintes: “Anatomia Humana e saúde”, com dois fígados humanos, um saudável e outro com cirrose, que também contava com banners explicativos sobre a doença; “O Segundo Cérebro” (**Figura 1**), que expunha um encéfalo, uma língua, um estômago, uma parte de intestino grosso e de intestino delgado, o apêndice vermiforme e um quadro ilustrativo do sistema digestório.

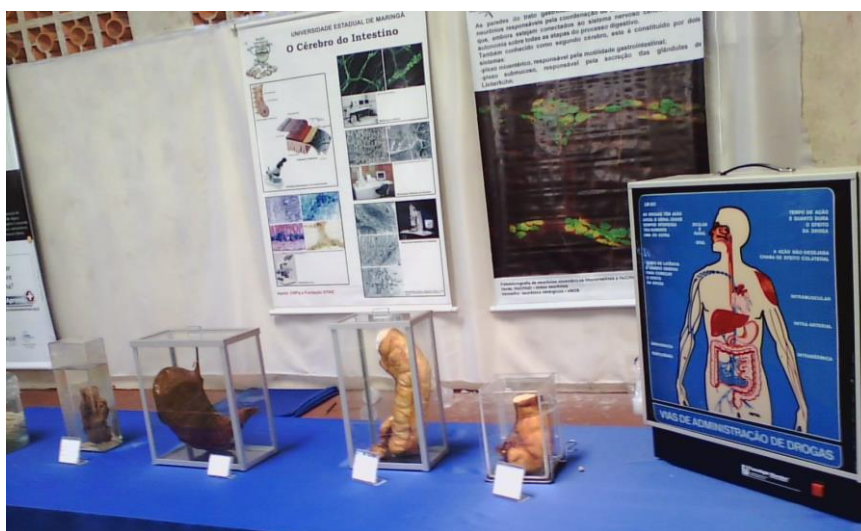


Figura 1 – Espaço “O Segundo Cérebro”, organizado em um evento escolar (2011).

## Discussão de Resultados

Dentre os diferentes tipos de públicos que visitaram as exposições, foi possível notar grande dificuldade na identificação e diferenciação entre o fígado com cirrose e o saudável; alguns visitantes associaram cirrose com bebidas alcoólicas, outros perguntavam o que é cirrose, porém eram raras as pessoas que sabiam dizer



qual a função do fígado. Assim, nota-se a importância do acesso ao conhecimento, pois, para muitos visitantes, esse seria o espaço para a aprendizagem.

Já no espaço “O Segundo Cérebro”, foi possível notar que alguns visitantes identificavam os órgãos e os reconheciam, associando-os ao quadro ilustrativo, porém poucos faziam associações do encéfalo com o sistema digestório. Eram bastante frequentes os questionamentos sobre apendicite, porém a maioria absoluta dos visitantes desconhecia a existência de neurônios na região do intestino e demonstraram surpresa com esse fato.

A partir das experiências com o projeto, do diálogo baseado nas dúvidas dos visitantes, nota-se que esse contexto contribui para a construção de uma visão da ciência como uma interpretação do mundo, e não como um conjunto de respostas prontas e definidas (CAMPOS, 1999). Tais espaços servem como estímulo para aprofundar os estudos e a busca por novos conhecimentos; são também oportunidades de proximidade com a comunidade científica, de desenvolvimento de espírito crítico, discussão de problemas sociais e integração escola-sociedade (PAVÃO, 2005).

## **Considerações Finais**

Eventos e projetos de extensão são fundamentais por unirem conhecimentos científicos produzidos no espaço universitário com a realidade escolar e por permitirem um diálogo entre os acadêmicos e a comunidade. Além disso, a proposta de extensão universitária indica um trabalho de relacionamento entre a universidade e a comunidade, capaz de traçar um conhecimento mútuo (BUFFA, 2007).

Nota-se que as atividades vieram ao encontro das necessidades dos visitantes. Além disso, muitos grupos escolares frequentaram as exposições, de modo que a proximidade com os objetos de conhecimento era importante para professores, por auxiliarem na ilustração dos conteúdos abordados em sala de aula, permitindo que os alunos observassem e interagissem com as peças anatômicas e os relacionassem com a realidade. Além disso, o esclarecimento de diversas dúvidas foi muito frequente, tanto por parte dos próprios professores, alunos e visitantes de maneira geral. Dessa forma, o ensino de Ciências deixa de ser encarado como mera transmissão de conceitos científicos, para ser compreendido como processo de formação de conceitos científicos, possibilitando a superação das concepções alternativas dos estudantes e o enriquecimento de sua cultura científica (LOPES, 1999).

Finalmente, para os monitores, que cursam a modalidade Licenciatura do curso de Ciências Biológicas, o diálogo com professores que já exercem a profissão além do contato com os alunos foi fundamental para complementar a formação acadêmica.

## **Referências**

BUFFA, E., Extensão: meio de comunicação entre a universidade e a comunidade. In: EcoS Revista Científica, São Paulo, v.9, n.1, p. 157-169, 2007.

CAMPOS, M.C.C.; NIGRO, R.G. Didática de Ciências: o ensino-aprendizagem como investigação. São Paulo: FTD, 1999.



HENRIQUES, M. H., Exposições escolares e comunicação pública de ciências. In: Lenguage, Comunicación y Divulgación de La Ciencia y La Tecnología, Portugal, p. 295-308, 2002.

LOPES, A. C. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

MANCUSO, R., Feiras de ciências: avaliação, conseqüências. Contexto Educativo. Revista digital de Educación y nuevas Tecnologías n.6, abril, 2000. Disponível em: <http://contexto-educativo.com.ar/2000/4/nota-7.htm>. Acesso em 20/04/2014.

PAVÃO, A.C. Feiras de ciências: revolução pedagógica. Disponível em <http://www.espacociencia.pe.gov/?artigo=30>. Acesso em 20/04/2014.